

INTERCÂMBIO

Publicação de Experiências Cosmopolitas

Ano VI – N. 6 – COGNÓPOLIS - Novembro 2019

ISSN: 2447-293X



APRENDIZADOS DA ÁFRICA

“ÁFRICA: CONTINENTE RADICULAR.”

Waldo Vieira

INTERCÂMBIO

Publicação de Experiências Cosmopolitas

Ano VI – N. 6 – Cognópolis – Novembro 2019

SUMÁRIO

EDITORIAL 5

AMIZADE E ACOLHIMENTO:

UMA VIAGEM DE EXPERIÊNCIA NO TERRITÓRIO AFRICANO 9

Fernanda Helena Fedrigo

VIVER ANGOLA 31

Helena Leitão de Barros

VIVÊNCIAS EM BEIRA, MOÇAMBIQUE 41

Andréa Cristina Vanni

TOPONÍMIAS AFRICANAS:

RIQUEZAS, MISTÉRIOS E IDENTIDADES 55

Célio Augusto da Cunha Horta

Expediente

INTERCÂMBIO – Publicação de Experiências Cosmopolitas

Ano VI – N. 6 – Cognópolis – Novembro 2019

ISSN 2447-293X

Copyright © 2019 – Intercâmbio Conscienciológico Internacional

Os direitos autorais dessa edição foram graciousamente cedidos
à Epígrafe para comercialização da publicação.

Editora: Kátia Arakaki.

Assessoria editorial: Patrícia Garcia Carvalho, João Aurélio.

Revisão: João Aurélio, Rosa Nader.

Capa e diagramação: Kátia Arakaki.

Crédito das imagens: Pixabay Free Images.

Apoio e Comercialização: Epígrafe Editorial e Gráfica Ltda.



EDITORIAL

APRENDIZADOS DA ÁFRICA

Quanta experiência humana se acumulou no ambiente africano e quanta vivência humana de vidas prévias está estratificada nesse continente. A BiblioÁfrica, a distribuição de livros gratuitamente na África - é parte da retribuição ao conhecimento humano produzido naquele continente e disperso em todo o Planeta.

Em visita ao *Origins Centre*, museu localizado na Universidade *Witwatersrand*, em Joanesburgo, na África do Sul, é possível imaginar e entender a complexidade da cultura e história da África, quando se compara as camadas de milhões de anos identificada nas descobertas arqueológicas com as camadas de apenas milhares de anos encontradas nos demais continentes.

Desde o ano de 2012 até o presente momento, Outubro de 2019, foi possível conhecer um pouco mais da África através dos contatos e relatos de pessoas que viajaram para o continente, também por meio de leituras, filmes, documentários e, principalmente, pelas viagens de imersão, com destaque para a África do Sul.

Esta edição da revista configura o fechamento de um ciclo neste trabalho voluntário. Com o encerramento do CNPJ da Instituição Intercons – Intercâmbio Conscienciológico Internacional, também se encerra a publicação desta Revista Intercâmbio que estava atrelada ao CNPJ. Todos os exemplares desta revista, incluindo Número 06, estão disponíveis para download gratuito no site www.icge.org.br.

Agradecemos a todos que contribuíram com a publicação, nas edições África e Internacional, sejam os viajantes-autores com suas vivências pessoais, sejam os pesquisadores com seus estudos, sejam os nativos com seus conhecimentos culturais, sejam os doadores que patrocinaram o periódico, sejam os voluntários e profissionais técnicos da produção e divulgação da revista.

Nasce o Projeto Conscienciológico Voluntário BiblioÁfrica, que concentra a parte central das atividades antes desempenhadas pela Instituição Intercons, agora megafocado na bibliodiáspora, ou seja, na distribuição dos tratados conscienciológicos, em especial do LO - *Léxico de Ortopensatas*, de autoria do Professor Waldo Vieira (1932-2015).

A Bibliodiáspora é parte de um mecanismo interassistencial do voluntariado, derivado da ideia grafada e doação dos direitos autorais da obra pelo escritor para editora que, na sequência, doa a publicação para os voluntários distribuírem gratuitamente no continente africano.

Quando a obra chega nas bibliotecas das dezenas de países africanos, a engrenagem de transmissão do mecanismo interassistencial do Projeto Conscienciológico Voluntário Biblioáfrica atinge o seu fim: a ideia pensada, grafada, publicada, distribuída está acessível aos leitores interessados.

Esta edição brinda os leitores com a vivência direta de autores com reflexões, opiniões e experiências a respeito da África em alguns países africanos: Zâmbia e Zimbábue, Angola, Moçambique, destacando a forma de viver, costumes, culinária e história.

As viajantes que atuaram na África nas áreas de Turismo, Análise e Gestão Ambiental e Saúde, inevitavelmente, relatam o acolhimento africano sem igual, situações inusitadas e mostram o desenvolvimento pessoal expondo aprendizados hauridos em contextos variados.

Apresentamos, também, estudo profundo sobre o nome de lugares na África e de palavras de origem africana, escrito pelo professor universitário de Geografia Célio Augusto da Cunha Horta.

Um detalhe que não passa despercebido nos artigos aqui relatados é a influência da África em outras culturas e povos, por exemplo, nos nomes, vocábulos e significado das coisas, a começar pelo significado da palavra África, que para muitos significa obstáculo e dificuldade, já para outros significa desafios e oportunidades.

Aos leitores deixamos uma reflexão:

o que significa a África para você,

dificuldade ou oportunidade?



BiblioAfrica
CONSCIENIOLOGY BOOKS IN AFRICA

João Aurélio

Assistente editorial da edição

Psicólogo Social, especialista em Voluntariado

Voluntário da Conscienciologia desde 1991

Coordenador do Projeto BiblioÁfrica

e-mail: biblioafrika@gmail.com

site: www.biblioafrika.org (endereço oficial)

<https://biblioafrika.wixsite.com/meusite> (endereço provisório)



Os baobás, árvores africanas centenárias

AMIZADE E ACOLHIMENTO: UMA VIAGEM DE EXPERIÊNCIA NO TERRITÓRIO AFRICANO

Fernanda Helena Fedrigo

20 de Agosto a 01 de Setembro de 2013

Países: Zâmbia e Zimbabwe

Viajar é um valor para mim. Atribuo isso à escolha da minha profissão e, provavelmente, às possíveis experiências em vidas passadas. A escolha pela faculdade de Turismo, quando eu estava na oitava série, foi um fato significativo e decisivo na minha vida. Eu lembro exatamente do momento da escolha que foi seguida de um *déjà-vu*. Minha prima prestava vestibular na época e estava sentada no sofá da sala, cercada de apostilas e materiais do Colégio Positivo. Lembro que tinham vários papéis e alguns folderes que falavam dos diferentes cursos de graduação, uma espécie de guia de profissões para ajudar os alunos a escolherem a área de atuação e em quais cidades ofereciam o curso naquela área. Comecei a ler alguns materiais e quando eu li o descritivo do curso de turismo, imediatamente falei, esta é a faculdade que eu quero fazer. Logo após eu tive a sensação de *déjà-vu*, e a cena está gravada em minha memória até hoje. Passados três anos, foi o que aconteceu, eu não mudei de ideia e, após concluir o Segundo

Grau, eu iniciei a faculdade de Turismo, ano de 1998, razão pela qual eu mudei para Foz do Iguaçu. Eu lembro que o fato do turismo trabalhar para o intercâmbio e o respeito entre os povos, além da valorização da cultura local, foram os aspectos que mais chamaram a minha atenção na escolha desta profissão.

A África sempre esteve na minha *vip list travel*. Lembro do dia que um amigo espírita me disse: “Fer, tive um sonho muito real com você, eu te vi na África cuidando de muitas crianças”. Eu respondi, “Ah, eu gostaria, me vejo fazendo isso um dia”. Desde então, sempre fiquei de olho em intercâmbios de serviços voluntários para a África, mas o trabalho sempre foi uma prioridade e nunca dediquei tempo para concretizar esta ideia. Até que um dia, surgiu a oportunidade de viajar para este continente. O instituto onde trabalho, era na época um membro afiliado da Organização Mundial do Turismo (OMT). Como membro afiliado, havia uma obrigatoriedade de participar das assembleias gerais, além dos encontros anuais dos membros afiliados. A cada ano, a assembleia era realizada em um país diferente, e naquele ano o local escolhido tinha uma particularidade, pela primeira vez a assembleia geral não aconteceria em um país, mais em dois – Zâmbia e Zimbábue. Ambos países são ex-colônias britânicas.

As matérias veiculadas em jornais locais na época traziam todo o entusiasmo que o evento levava ao continente: “*Em uma demonstração inédita de cooperação, dois países africanos sem litoral, divididos por uma fronteira que atravessa um dos mais espetaculares patrimônios*”

naturais do mundo deixaram de lado suas formalidades fronteiriças para facilitar o que se tornou, indiscutivelmente, a primeira viagem sem fronteiras do mundo em uma convenção de turismo. Entre os dias 24 e 29 de agosto, os delegados que participaram da 20ª Assembleia Geral da Organização Mundial de Turismo da Organização das Nações Unidas puderam transitar livremente entre Zimbábue e Zâmbia, percorrendo os cerca de 15 hotéis nas proximidades das espetaculares Cataratas Vitória. Foi uma experiência, observar guardas de fronteira uniformizados conduzir os veículos através de portões abertos”. Disse o secretário-geral da OMT, Dr. Taleb Rifai, “a história foi feita nesta parte da África”¹.

O continente africano é imenso, e o fato do evento se realizar em um local com uma situação geográfica similar à Foz do Iguaçu, onde um patrimônio mundial reconhecido pela Unesco também está entre dois países, Brasil e Argentina, e este patrimônio também ser as Cataratas, me chamou muito a atenção.

Ainda em matérias de jornais locais, *“As Cataratas Vitória, um Patrimônio Mundial da UNESCO, é um dos pontos turísticos mais impressionantes do mundo. A fronteira Zimbábue-Zâmbia atravessa a garganta de 108 metros de profundidade, compartilhada por dois parques nacionais - o Parque Nacional Mosi-Oa-Tunya, no lado de Zâmbia, e o Parque das Cataratas Vitória, no Zimbábue. A escolha deste como o melhor local para hospedar a Assembleia Geral foi projetada para enviar uma mensagem clara sobre o futuro do turismo na África. A estratégia funcionou. A primeira Assembleia Geral já realizada na*

África Austral gerou a maior participação na história da OMT, com mais de 700 delegados de 112 países”. Disse o Dr. Rifai, “As poderosas Cataratas Vitória são um pano de fundo inspirador para celebrar esses marcos, reafirmar nosso compromisso de colocar o turismo nas agendas políticas e econômicas e garantir que cooperemos cada vez mais para promover políticas que assegurem o crescimento sustentável e inclusivo do turismo”².

Estar inserida neste contexto e ter a experiência de participar de uma assembleia dentro de uma organização da ONU foi um excelente laboratório para ampliar as ideias sobre universalismo e Estado Mundial. Nesta edição da assembleia, os dois principais assuntos de discussão foram a facilitação de vistos e o aumento da conectividade aérea. Conversar e interagir com pessoas de diferentes partes do mundo reunidas em um único local foi uma grande oportunidade. Na ocasião, eu fiz a entrega ao Ministro de Turismo do Zimbabwe de um livro de Foz do Iguaçu, e também realizei a divulgação do 2º Fórum Mundial de Desenvolvimento Econômico Local - “Diálogo entre Territórios: outras visões do Desenvolvimento Econômico Local” que seria realizado em Foz, no período de 29 de outubro a 1º de novembro. Este evento é uma iniciativa do Programa das Nações Unidas (PNUD) e busca fazer um meio termo entre o Fórum Econômico Mundial e o Fórum Social Mundial. Este evento tem uma forte relação com o meu trabalho atual e do meu duplista. É onde penso estar uma conexão das nossas proéxis como dupla evolutiva nesta vida.



Assembleia Geral



Entrega de material de Foz do Iguaçu ao Ministro do Turismo do Zimbabwe

Um fato marcante, ou talvez uma sincronicidade durante a viagem, foi a matéria enviada pelo meu namorado na época e atual duplista, Dimas Braganolo, falando da história da voluntária e verbe-tógrafa da Conscienciologia, Giuliana Vieira da Costa, que comparti-lhava sua retrocognição da personalidade Emily Hobhouse, a qual teve sua história de vida muito ligada ao continente africano, especialmente à África do Sul ³.

Em pesquisa, encontrei o seguinte relato: “Em 1899, Emily Hobhouse foi nomeada secretária do Comitê de Conciliação da África do Sul, um grupo que se opunha à política do governo britânico em relação à África do Sul. Hobhouse foi uma humanista e pacifista que veio visitar a África do Sul em dezembro de 1900, durante a Guerra Anglo-Boer. Hobhouse organizou uma reunião em massa em Londres, em junho do mesmo ano de 1900, onde as mulheres protestaram contra as ações do exército britânico na África do Sul. Três meses depois, ela fundou o Fundo Sul-Africano para Mulheres e Crianças para arrecadar dinheiro para as famílias bôeres” ⁴.

Fiquei impactada com esta notícia e imediatamente comecei a pensar “por que, e/ou, o que eu estou fazendo aqui?” – Zâmbia e Zimbábue não são lugares “comuns” em termos turísticos. E comecei a listar os países que conhecia, como um fio condutor para estudar vidas passadas. Desde então, minha relação e percepção nas viagens mudou, passei a ficar mais atenta e a registrar as percepções, sincronicidades, além de estudar previamente a história de cada lugar visitado. Esta prática tem me ajudado a construir hipóteses de vidas passadas e res-

significou o ato de viajar para mim. Além da história da Giuliana ter servido como um estímulo e uma motivação ao estudo de vidas passadas, me ajudou a perceber a importância da retrocognição para a melhor compreensão da minha condição atual e, principalmente, para o desenvolvimento da minha proéxis.

Outro aspecto interessante da viagem foi a amizade com o Sr. Guy Apan Johnson, representante da República do Benim, um país que eu nunca tinha ouvido falar. Sentamos lado a lado na reunião da OMT, depois descobrimos que estávamos no mesmo hotel, e na mesma *van* que fez o primeiro passeio, além de sentarmos juntos no jantar de abertura do evento. Durante todo o nosso tempo juntos, conversamos muito, como velhos e bons amigos.



Cerimônia de Abertura



Reunião dos membros afiliados com Sr. Guy Apan Johnson

Como curiosidade, durante a pesquisa para escrever o artigo, encontrei várias fontes falando da relação entre o Brasil e a República do Benim, dentre elas, no site da Fundação Palmares traz “Grande parte dos afrodescendentes brasileiros vem do Benin, que também é o berço do candomblé. Ainda hoje, em Porto Novo, capital do país africano, existe uma comunidade de afro-brasileiros – os Agudás – descendentes dos últimos escravos vindos do Benin para Salvador, pouco antes da Abolição da Escravatura, e que puderam voltar para a África. Sem se sentirem africanos ou brasileiros, formaram essa nova comunidade e passaram a cultivar um misto entre a cultura de origem e a construída no Brasil”⁵. Talvez isso explique um pouco da relação de amizade que foi estabelecida por mim e o Sr. Guy Johnson.

Desde que cheguei no continente africano, me senti em casa, o clima, a paisagem, as pessoas e a comida. Com exceção desta “iguaria” para os zambianos e zimbauenses, esta larva que experimentei, a comida nestes países é muito similar à comida brasileira, muita salada e frutas tropicais.



Prato de comidas típicas oferecido durante o evento



A iguaria - Larvas mopanes⁶

Uma das primeiras experiências ao chegar no continente africano, foi a decisão de ir sozinha de ônibus de Lusaka para Livingstone. Nesta ocasião, acredito que possa ter dado um trabalho extra para os meus amparadores. Meu voo chegaria em Lusaka, Capital da Zâmbia, porém o evento aconteceria em Livingstone, então, decidi que iria de ônibus, pois eram apenas 478 km de distância e, assim, teria a oportunidade de conhecer melhor o país. No hotel que fiquei hospedada em Lusaka, ocorreu um problema com a minha reserva, não a estavam encontrando, no entanto, a recepcionista era uma brasileira de Belém do Pará, ela ficou muito feliz por encontrar alguém do Brasil e foi bastante disponível em me ajudar e, então, rapidamente ela resolveu o problema da reserva. No dia seguinte, quando pedi ao taxista para me levar na rodoviária local, percebi um certo incômodo da parte dele. Quando chegamos à Rodoviária, ele desembarcou do táxi e falou que me acompanharia na compra da passagem. Quando cheguei na Rodoviária, tive um choque de realidade, a Rodoviária era de chão batido, sem infraestrutura mínima, bastante precária. Ele pediu que eu ficasse num lugar ao lado da minha mala e que não saísse dali, pediu o dinheiro e foi comprar minha passagem. Enquanto esperava, comecei a observar o cenário ao meu redor. Centenas de pessoas, ambiente precário de limpeza, conforto e higiene. Uma senhora, com roupas típicas, coloridas, me observava como que percebendo a situação e a minha cara de preocupada. Esta senhora sorriu, eu retribuí o sorriso e já começamos a conversar. Pronto, ali estava minha amparadora intrafísica, que me acompanhou durante toda a viagem. Eu era como um extraterreste naquele lugar, a única pessoa de cor branca, então

logo chamei a atenção de todos que me olhavam de canto de olho. O motorista do táxi voltou com a minha passagem e me deu recomendações de segurança para a viagem. Então, percebi que esta não tinha sido uma boa ideia. Apesar de todo o contexto, eu tinha um sentimento de alegria e de retorno à casa. Minha “amparadora” intrafísica me acolheu, entrou no ônibus comigo, me colocou para sentar ao lado dela e insistiu para colocar minha mala no ônibus, depois eu entendi porquê.

A simples tarefa de colocar a mala no bagageiro do ônibus era uma verdadeira odisséia. Empurra-empurra, calor, sem qualquer organização, todos tentavam de qualquer maneira fazer caber a mala e tudo mais que carregavam para a viagem. Tirei a foto de dentro do ônibus, observando a cena e vendo minha amparadora bravamente tentando colocar minha mala no ônibus. A viagem foi tranquila e pude conhecer um pouco mais da realidade daquele país, por meio desta senhora que me acolheu, além de interagir com outras pessoas dentro do ônibus, afinal, foram sete horas de viagem.



Embarque da viagem Lusaka/Livingstone



Encontro no meu último dia em Livingstone com minha amparadora intrafísica

Enfim, cheguei a Livingstone. A cidade tem como uma das suas figuras ilustres o missionário e médico escocês David Livingstone. Ele está para a Zâmbia assim como Santos Dumont está para Foz do Iguaçu, foi o “pai” do Parque Nacional deles, quem “descobriu” e batizou as Cataratas de Vitória, em homenagem à Rainha da Inglaterra na época. Eu me lembro de ter ficado curiosa e parada durante um bom tempo em frente à estátua dele durante a visita ao Parque Nacional Mosi-aotunya, onde estão as Cataratas de Vitória. Hoje, acredito que o personagem pode ter provocado alguma lembrança que não tinha lucidez na época para compreender. Dentre as possíveis conexões que posso fazer com esta personalidade é o fato da sua nacionalidade ser escocesa. A Escócia é mais um país fora do roteiro turístico que conheci,

e pelo qual tive e tenho bastante afinidade, além dele ser protestante e ter lutado contra a escravatura, temas com os quais eu me afinizo.



Estátua de David Livingstone

No meu segundo dia em Livingstone, fiz o *transfer* para Zimbabwe, local do hotel oficial do evento, para retirar as credenciais. Logo fiz amizade com o motorista da *van* e com duas mulheres que eram da organização do evento. Era final do dia quando eles me deixaram no

hotel e não conseguíamos parar de conversar, então eles me convidaram para conhecer a cidade e eu aceitei o convite. Eles me levaram para conhecer bares, restaurantes e boates de Livingstone, dançamos e nos divertimos a noite toda. Foi uma experiência interessante, estar inserida em outra cultura, mas ao mesmo tempo muito similar ao Brasil pela musicalidade e alegria das pessoas. Com esta experiência eu tive uma ideia mais real de como vivia a população, pois todos os lugares visitados não eram turísticos, mas frequentados apenas por moradores locais. Lembro que passei o tempo todo sendo chamada pelas pessoas de *Mzungu*. Segundo a Wikipedia (pronuncia-se [m'zuŋgu]) é um termo de língua banto utilizado na região dos Grandes Lagos Africanos para designar pessoas de ascendência europeia. É uma expressão comumente usada entre os povos Bantu no Quênia, Tanzânia, Malawi, Ruanda, Burundi, Uganda, República Democrática do Congo, Comores, Mayotte e Zâmbia, que remonta ao Século XVIII. Literalmente traduzido significa "alguém que vagueia" ou "andarilho". O termo agora é usado para se referir a "alguém com pele branca" ou "pele branca". E foi exatamente o que eles me explicaram quando perguntei porque as pessoas me chamavam de *Mzungu*, eu era a única pessoa branca em absolutamente todos os lugares que passamos naquela noite. Atribuo em parte a vivência desta experiência, à minha atitude neofílica, característica do meu comportamento durante as viagens, onde, tomada a devida precaução em termos de segurança, esta atitude me ajuda a fazer novas amizades e aprofundar na cultura de cada lugar.

Com esta experiência juntos, o vínculo com estas três pessoas se estreitou e foi fundamental para toda minha experiência nesta viagem. Ganhei outros três amparadores intrafísicos. Com a amizade destas três pessoas, pude conhecer um pouco mais da realidade, coisa de turismo, que tem interesse de conhecer como vivem as pessoas do local, o que me rendeu visitas ao supermercado, restaurantes populares e outros lugares normalmente frequentados apenas pelos locais, além de longas conversas sobre política, costumes locais, emprego, renda e todas as curiosidades que eu tinha sobre cada país. Eles me acompanharam até o final da viagem, e fizeram questão de irem até o aeroporto e esperar o voo comigo.



Primeiro encontro – visita à ponte que liga a Zâmbia e o Zimbábue



Despedida no Aeroporto



Outra experiência significativa durante esta viagem para a África foi a participação em um evento paralelo da OMT. Fui convidada por um membro afiliado de uma instituição de ensino de Barcelona, que também me acolheu durante o evento. No evento, estaria a primeira dama do Zimbábue e algumas autoridades da China. Fomos de carro até o evento e saímos do centro da cidade, passamos por alguns bairros onde pude ver a pobreza e a falta de estrutura nos arredores da cidade. O evento da OMT, foi num hotel *resort*, verdadeiras bolhas dentro das cidades. Se você transitar só nos locais turísticos, jamais vai saber como é o lugar.

No evento, estavam as autoridades discursando, eu tentei sair de fininho e andar pelo ambiente porque me chamou atenção um grupo de crianças que estavam do outro lado do pátio da escola. Cheguei até elas, que estavam todas de uniforme, sérias, fechadas, e para chamar a atenção, peguei a máquina fotográfica. Logo um menino se aproximou, sentou ao meu lado e não saiu mais. Pedi se podia fotografá-las, elas permitiram, mas estavam tímidas, então passei a máquina para o menino ao meu lado, que era muito esperto e por quem eu senti uma forte conexão. Logo as crianças se soltaram e começaram a brincar e a rir. Foi um momento cheio de boas energias, minha vontade era de ficar lá, até que meu amigo que havia me convidado me sinalizou para que eu fosse ver as apresentações culturais que iriam começar do outro lado do pátio. Me despedi das crianças e segui no evento.



Momento de descontração com as crianças



O carro que nos buscava demorou para chegar, o evento acabou e havia pouca gente na escola, as crianças voltaram para as salas de aula e eu estava conversando com algumas pessoas, olhando de longe a biblioteca que havia sido doada. De repente, chega alguém do meu lado e pega na minha mão. Era o Joni, ele segurou forte a minha mão, o mesmo menino que ficou tirando fotografias com a minha máquina. Neste momento, a minha vontade era de pegar aquele menino e trazer comigo. Ele esperou até a chegada do carro que viria nos buscar para levar de volta ao hotel. Não teve como não lembrar do “sonho” do meu amigo espírita.



Eu e meu amigo Joni

Estas foram as experiências mais significativas nesta minha primeira viagem para a África, e com certeza uma das viagens mais marcantes da minha vida. Além das experiências de vivência com a natureza selvagem por meio dos passeios de Safari, Lion Walk e passeio de elefante, onde hoje eu percebo que me expus a um risco, especialmente na atividade de *Lion Walk* e o passeio de elefante. O risco de um acidente de percurso em atividades como esta é bastante grande, pode representar uma oportunidade para os assediadores, além da dúvida da seriedade dos trabalhos realizados nas unidades de conservação onde as atividades são realizadas. Os passeios têm a finalidade de arrecadar recursos a programas de reabilitação destes animais a fim de conservar a espécie, porém hoje questiono o quanto estas atividades podem ser prejudiciais a estes animais.

Sigo com este continente no meu “radar”, espero em breve retornar ao continente africano para buscar mais informações dentro da minha autopesquisa e entender melhor as sincronicidades que seguem acontecendo relacionadas à África.

CONCLUSÃO:

Viajar para estes países potencializou para mim o acesso a informações de vidas passadas, levantando hipóteses de possíveis vidas e passagens por este continente. O registro das experiências foi fundamental para construção do “quebra-cabeças” de vidas sucessivas e tem me deixado mais atenta aos temas ligados a este continente. Opor-

tunizou criar novas associações de ideias dentro atual trabalho que realizo, principalmente, o projeto ligado à inclusão de jovens de baixa renda no mercado de trabalho que pode ser um preparo para projetos futuros ou resgate de experiências passadas.

A percepção das energias nos diferentes ambientes visitados foi um exercício excelente para ampliação das minhas parapercepções, afinização com os amparadores, além do forte contato com as bioenergias. A imersão no idioma e na cultura de outro país foi enriquecedor, agregou conhecimento, trouxe maior abertismo consciencial, maior respeito e compreensão das diferenças. A oportunidade de sair da minha zona de conforto me fez ganhar maturidade e maior desapego, além de reforçar a minha relação com este continente, onde prevaleceu o sentimento de retorno para casa.

Foz do Iguaçu, 08 de julho de 2018.

REFERÊNCIA DAS CITAÇÕES:

1. <https://www.travel-impact-newswire.com/2013/08/zambia-zimbabwe-launch-borderless-two-nations-one-convention-concept/>
2. <https://africa21digital.com/2017/05/31/mocambique-quer-cooperacao-brasileira-na-area-do-turismo/>
3. Personalidade Consecutiva e África - Giuliana Costa (Comunicons News)> <https://www.youtube.com/watch?v=zLwBijismNk>

4. <http://www.sahistory.org.za/people/emily-hobhouse>
5. <http://www.palmares.gov.br/archives/3885>
6. <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/culinaria/veja-preparacao-de-larvas-mopanes-iguarias-da-culinaria-africana,2affe48d6d6c310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>

Fernanda Helena Fedrigo é bacharel em Turismo e bacharel Hotelaria pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, especialista em Ecoturismo, especialista em Dinâmica dos Grupos e MBA em Liderança e Desenvolvimento Territorial.

E-mail: ferfedrigo@gmail.com

VIVER ANGOLA

Helena Leitão de Barros

Um país é feito de pessoas e Angola para mim é, antes de tudo, os angolanos. São eles que transformam a experiência que temos do país rico em recursos naturais e belas paisagens. Angola tem 25 milhões de habitantes, aproximadamente, e uma grande diversidade cultural e etnolinguística - com valores, tradições e costumes que não param de nos surpreender.

Vou aqui tentar evocar vivências pessoais, marcantes, que me parecem a melhor forma de falar da ideia que tenho de Angola – um país em que tudo é possível, onde tudo pode acontecer e nos deixa sem palavras.

ENTREVISTAS INESPERADAS

Vivi duas situações hilariantes, e bem expressivas da flexibilidade angolana, em Saurimo (província da Lunda Sul) e no Kuito (província do Bié).

Em Saurimo, fui fazer uma apresentação ao Governo Provincial de um estudo realizado pela empresa onde trabalhava e quando estava na pista do aeroporto para entrar para o avião, vejo uma pessoa a cor-

rer e a chamar-me. Era um jornalista da rádio local, que não tinha conseguido entrevistar-me no Governo Provincial e que não hesitou em fazer a entrevista junto à escada de acesso ao avião. Quando dei conta, já estavam todos a bordo e a tripulação esperava que a entrevista terminasse para seguir viagem para Luanda.

Uma outra vez, em junho de 2011, na cidade do Kuito, onde estava a trabalhar com uma outra colega, reparámos que todas as pessoas nos cumprimentavam, como se nos conhecessem desde sempre. Num fim de semana, decidimos aceitar o convite para um espetáculo de música em homenagem às mulheres angolanas. As artistas eram cantoras angolanas jovens, de que nunca tinha ouvido falar. A lotação estava esgotada, embora a maioria dos lugares fosse sentado. No intervalo do espetáculo, um jornalista da rádio local veio diretinho a mim, estava determinado a fazer-me uma entrevista sobre o espectáculo. Expliquei que não era a pessoa mais indicada para a entrevista, não conhecia as artistas. A resposta do jornalista foi “eu ajudo”. E começou a fazer-me perguntas sobre as cantoras. Como eu não sabia responder, ele cortava a gravação e sugeria que eu respondesse o que ele me dizia. Grande entrevista a que o jornalista responde pelo entrevistado...

NEM TUDO O QUE PARECE É

Em 2009, o aeroporto de Luanda apresentava sérios constrangimentos por capacidade da infraestrutura nos desembarques. Eram fre-

quentes horas de espera pela bagagem. Por ser mais cómodo, recorri frequentemente ao desembarque com Protocolo do Aeroporto.

Em Janeiro de 2009, desembarquei pelo Protocolo e já com as minhas bagagens esperava o motorista. Subitamente notei muito movimento na porta de entrada do Protocolo e vi então várias pessoas que vestiam uma T-shirt onde se lia “Mamã Coragem”, com uma foto. Esse é um hábito angolano, quando morre alguém rapidamente se produz uma T-shirt com a foto e nome do falecido. Quando dei conta estava ladeada de mulheres que vestiam essa T-shirts e por dois fotógrafos, que não paravam de nos retratar. Não percebi. Passado um pouco, uma das mulheres perguntou-me se as queria acompanhar. Agradei, ainda sem perceber o que se passava e continuei à espera do motorista. No dia seguinte, a leitura dos jornais esclareceu o incidente. Tinha morrido, em Portugal, a líder do Partido Liberal Democrático, conhecida como Mamã Coragem, e o seu corpo foi transportado no avião em que viajei. No aeroporto, as mulheres que tiraram fotos comigo tinham pensado que eu viajara para acompanhar e homenagear a activista.

MULHERES CAMPONESAS

A apresentação pública de um estudo de impacte ambiental de uma barragem, em Andulo, província do Bié, também me reservaria uma surpresa, em Junho de 2011, de memorável gratidão. A sessão foi participada pelas autoridades tradicionais (que são chamadas de *sobas*) e pela população da cidade. No dia seguinte quis visitar a aldeia

da Muenga onde seria construída a futura barragem. Quando lá cheguei esperava-me um grupo de 20 mulheres. Nesse dia não foram trabalhar, na lavra, pois queriam conhecer-me, a mulher que estava à frente de uma mudança que ía interferir com a vida das suas famílias.

Nas áreas rurais, mulher não assume papéis de destaque na sociedade, daí que quando souberam que tinha sido uma mulher a apresentar o estudo de impacte ambiental para a barragem que se iria erguer na proximidade das suas casas e terrenos, organizaram-se. Nesse dia, não foram trabalhar na lavra e andaram quilómetros a pé para me conhecer. Fiquei emocionada.



Helena Leitão de Barros acompanhada de um grupo de mulheres da aldeia da Muenga, junto ao rio Cutato

Apenas uma mulher falava português e traduzia para as outras em Umbundo. Aproveitaram a oportunidade para conversarem comigo, não apenas sobre a barragem, mas também sobre as dificuldades que a mulher camponesa vive na área rural. Nesta aldeia, havia jovens com 16 anos que já eram casados e pais de família. Para sustentar a família partiam para procurar emprego fora da aldeia.

SAUDADE

O período em que participei em acções de formação ambiental foi de grande proximidade aos funcionários públicos angolano. As aulas estavam enquadradas em cursos dirigidos a funcionários dos ministérios angolanos, a técnicos dos governos provinciais e da administração municipal. Um dia, numa formação em Luanda, um formando, licenciado em História e que trabalhava no Governo Provincial do Uíge, no Norte de Angola, veio ter comigo no intervalo. O senhor Vasco contou-me que tinha muitas saudades de uns amigos que viviam em Portugal. Pedia-me que o ajudasse a encontrá-los. Deu-me um papel com os nomes dos dois amigos. Disse-lhe que ía tentar, mas não podia prometer nada.

Como estava a trabalhar em Angola, lembrei-me de fazer uma pesquisa na internet e consegui localizar um dos amigos do senhor Vasco. Era uma figura pública em Portugal, tinha sido deputado de um partido político (CDS), presidente de uma Câmara Municipal, para além de ter publicado um livro com as suas memórias africanas.

Pedi ajuda familiar, em Portugal, para tentar encontrar o amigo saudoso. A minha mãe, ao fim de várias tentativas conseguiu localizá-lo, mas não encontrou muito interesse. Pensei que o esforço tinha sido vão. Passados muitos meses telefona-me o senhor Vasco, pareceu-me que estava a ler um discurso de agradecimento, com pompa e circunstância. A princípio, não entendi. Afinal o senhor Vasco estava radiante, tinha recebido o livro escrito pelo amigo que não via há tantos anos, através de alguém do Uíge que tinha viajado até Portugal. Uma vitória partilhada, conseguimos manter viva uma amizade, apesar da distância no tempo e no espaço.

À PROCURA DE UMA MÃE

Vivi durante anos na Avenida 4 de Fevereiro, na marginal de Luanda, junto à baía de Luanda. Tinha por hábito fazer uma caminhada na baía, todos os fins de semana e, por vezes, ao final do dia.

Um dia, nessa caminhada, senti alguém a dar-me a mão. Era um menino de seis anos que me olhava com um grande sorriso. Chamava-se João, morava num terreno que existe na encosta abaixo do bairro do Miramar, com um irmão de 12 anos, eram órfãos. Caminhámos de mãos dadas até ao fim. Uns dias mais tarde, desta vez caminhando com uma colega, encontrámos quatro meninos que nos agarraram rapidamente as mãos. Eram amigos do João. A minha colega não se sentiu confortável e não quis andar de mão dada com nenhum deles. Eu só tinha duas mãos para dar. Apesar disso, os quatro meninos acompanharam-

nos. Contaram-nos que viviam juntos e que o João lhes dissera que tinha arranjado uma mãe. Todos eles queriam ter uma mãe. Fiquei sem palavras. Depois do passeio desse dia, não parava de pensar neles. Nunca mais os vi. Espero que tenham encontrado a mãe que tanto desejavam.

THIANGUALULO

Em Março de 2008, numa viagem que fiz ao Kuito, quando almoçava num restaurante da cidade, ao ar livre, conheci Thianguualulo. Tinha lá uma exposição de quadros seus, quase todos muito coloridos, como é habitual na pintura angolana. Um dos seus trabalhos atraíu a minha atenção. Era feito de vários materiais: borracha, plástico, tecido, esfregona, serrapilheira. Mas o artista Thianguualulo não mo queria vender. Não estava finalizado, dizia. Insisti, gostei do retrato de um caçador. Para mim parecia-me um anjo protector africano, pela tranquilidade que transmitia e passei a chamar-lhe Thianguualulo, o mesmo nome do seu criador.

Levei-o para casa e coloquei-o em frente à minha cama. Mais do que uma vez, concentrando-me nas imagens, vi nele diferentes africanos e africanas, com diferentes perfis e penteados, como flashes de fotografias. Em 2013, quando regressei a Portugal, ofereci-o a uma amiga angolana que gosta muito de artesanato. Mas não me esqueci nunca do Thianguualulo.



Thiangualulo

Agradeço aos angolanos ter aprendido uma nova dimensão do que é a Solidariedade entre as pessoas, pela constante disponibilidade em partilhar o que têm e em apoiar o mais próximo. Os oito anos que vivi no país fizeram-me conhecer comunidades com vida muito difícil e um sentido de interajuda muito presente, como uma forma natural de expressar que Somos Todos Um.



Helena Leitão de Barros

Helena Leitão de Barros é portuguesa, consultora ambiental e social, tendo trabalhado em Portugal, Angola e Cabo Verde, em várias empresas portuguesas, angolanas e multinacionais, em especial nas áreas de avaliação de impactes ambientais e gestão ambiental.

Possui mestrado em Transportes, pelo Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa (Portugal) e é licenciada em Planeamento Regional e Urbano pela Universidade de Aveiro (Portugal). Foi professora do Ensino Superior na Escola Náutica Infante D. Henrique (2001 a 2007) e na Universidade Independente de Angola (2009-20013).



Mozambique

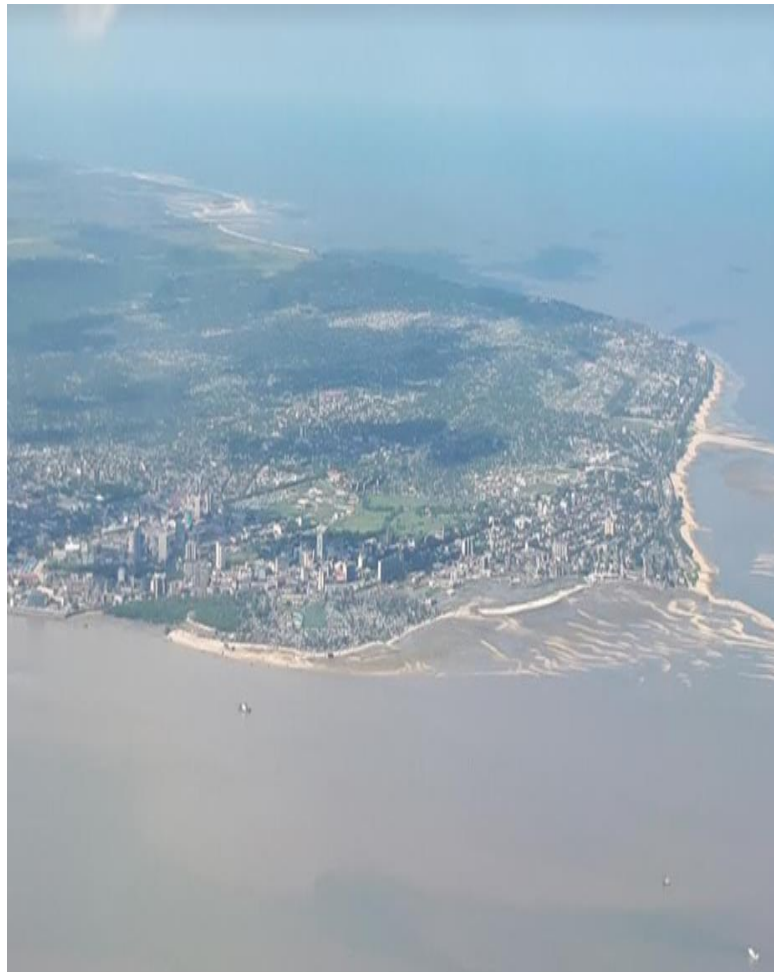
VIVÊNCIAS EM BEIRA, MOÇAMBIQUE

Andréa Cristina Vanni

No dia 17 de maio de 2018, cheguei à cidade de Beira, em Moçambique, para trabalhar por um ano em uma ONG médica. Moçambique é um país da costa oriental da África Austral, que faz fronteira com a Tanzânia ao norte, com o Malawi e a Zâmbia a noroeste, com o Zimbábue e a Suazilândia a oeste, com a África do Sul ao sul, e com o Oceano Índico a leste, possuindo uma longa costa (2.500 quilômetros) voltada para Madagascar. Moçambique foi colonizado por portugueses, proclamou sua independência em 25 de julho de 1975, sua capital é a cidade de Maputo, a maior cidade do país, a moeda nacional é o Metical e a língua oficial é o português (1). O país tem uma população de 29,6 milhões, dispõe de amplas terras aráveis, água, energia, assim como recursos minerais e gás natural; possui três aeroportos internacionais (Maputo, Beira e Nampula) e três portos marítimos (Maputo, Beira e Nacala). Em 2017, cerca de 70% da população vivia e trabalhava em áreas rurais e a expectativa de vida era de 59 anos de idade; em 2014, 46,1% estava abaixo da linha da pobreza do Banco Mundial (2).

Beira, capital da província de Sofala, é a segunda maior cidade do país, possuindo uma população de cerca de 500.000 habitantes e uma

extensão territorial de 633 km². Além do porto e do aeroporto, Beira possui linhas ferroviárias e rodoviárias que conectam a cidade a todo o país e aos países vizinhos Tanzânia, Malawi e Zimbábue, o que a torna um importante ponto de comércio e de transporte de mercadorias. Beira foi fundada pelos portugueses em 1887 e, originalmente, chamava-se Chiveve (nome de um rio local). Foi rebatizada em homenagem ao Príncipe da Beira, D. Luís Filipe, que, em 1907, foi o primeiro membro da família real portuguesa a visitar Moçambique. D. Luís Filipe foi portador do decreto real que concedia à Beira o estatuto de cidade (3).



Vista aérea de Beira / Fonte: arquivo pessoal

Naquele dia, em torno das 8 horas da manhã, o avião da South African Airways começava a se aproximar de Beira, dando início a uma longa trajetória de aprendizados, conflitos internos, descoberta dos trafores e tráfcores, choques culturais, grandes amores (adotei uma gata e uma cachorra e as trouxe para o Brasil) e amizades, descoberta de sentimentos positivos e negativos nunca vivenciados anteriormente e um grande desafio à psicossomática. À medida que o avião se aproximava de Beira, já era possível perceber que o nível de desenvolvimento da cidade era bastante baixo para a segunda maior cidade do país. Era possível avistar muitos casebres bastante simples entre coqueiros, dispostos de forma desordenada (ausência de quadras definidas), ruelas de terra muito estreitas e inacessíveis a carros, e alguns poucos prédios mais ao longe, que depois constatei estarem localizados na área mais nobre e central da cidade. No trajeto entre o aeroporto e a minha futura residência, ficou cada vez mais evidente a diferença drástica entre Maputo e Beira. Maputo é uma cidade bem desenvolvida, com tudo que cidades de médio e grande porte do Brasil têm: shoppings, grande variedade de restaurantes e bares, cinema, trânsito intenso nos horários de pico, alguns carros de luxo trafegando nas ruas, mistura de prédios antigos e modernos, moradias classe A, B e C, monumentos e construções com arquitetura portuguesa bem preservados, no comércio é possível encontrar tudo que se precisa, possui lojas diversificadas e para todos os gostos e bolsos.

Já em Beira, o cenário é contrastante. Não há shoppings, há lojas individuais e galerias com poucas lojas; as lojas que vendem roupas

novas são em sua maioria bastante caras, os preços mais acessíveis são encontrados somente no centro da cidade, por exemplo, no Mercado Maquinino, onde há muitas lojas de indianos e paquistaneses. A maioria da população compra roupas usadas vindas da China e dos Estados Unidos que são vendidas em barracas (estandes de madeira cobertas com lona preta dispostas uma ao lado da outra formando um corredor; algo parecido com os camelôs do Brasil), aos moldes do famoso mercado do Goto, onde é possível encontrar de tudo.

A variedade de restaurantes em Beira é mais restrita, não há restaurante japonês, por exemplo. Também não há restaurantes do estilo buffet, somente *à la carte*. Há restaurantes mais requintados, como o Solange e o Tugas, que oferecem um cardápio variado de peixes, frutos do mar, frango e carne bovina, por valores equivalentes a R\$ 60,00 até R\$ 120,00. A cidade não possui mais cinema, pois o antigo cinema da época de Portugal foi desativado. Há, no total, menos de 50 prédios e a maioria está em péssimo estado de conservação. Exceto nos bairros nobres da cidade, as moradias são bastante básicas: possuem um ou dois cômodos que abrigam famílias, por vezes, com mais de 5 pessoas; são feitas de alvenaria, sem pintura nem reboco, o telhado é uma chapa de zinco e o chão é de terra batida; a maioria não tem energia elétrica e água encanada; as pessoas tomam banho de balde e cozinham do lado de fora da casa, em churrasqueiras no chão com carvão. Ao sair da cidade de Beira, visualiza-se povoados com casas muito parecidas com ocas indígenas: redondas, com paredes de barro ou pedra cobertas com barro e telhado de palha. A maioria da população não tem carro

próprio; são vistos circulando pela cidade muitos veículos “caindo aos pedaços”; os poucos carros bem conservados são em sua maioria de estrangeiros ou políticos. O trânsito é tranquilo e só há congestionamento próximo aos supermercados.



Casas do interior / Fonte: arquivo pessoal

A impressão é que Beira foi uma cidade muito bonita e elegante na época colonial, porém a falta de conservação das casas e construções portuguesas confere uma aparência de decadência atualmente à cidade, retratando a expulsão dos portugueses que acabaram abandonando suas propriedades e a pobreza atual da população que recém saiu de uma guerra civil (1977-1992). Um exemplo dessa degradação

é o Grande Hotel, um antigo hotel de luxo que foi abandonado e durante a guerra civil virou um campo de refugiados. O hotel foi totalmente saqueado e nele, atualmente, residem milhares de desabrigados que vivem em péssimas condições de higiene e segurança, devido ao risco de desabamento. Com a experiência de trabalho na ONG, ficou evidente que se tornou um local para comércio de drogas e prostituição.



Grande Hotel atualmente / Fonte: arquivo pessoal

Após minha primeira semana em Beira, eu só pensava: como irei aguentar um ano aqui? Quem diria que, no final desse período, eu não

iria querer mais vir embora. No início, havia muita novidade e coisas interessantes para conhecer:

Culinária: milho, mandioca, amendoim e côco são a essência da culinária de Moçambique. Um dos pratos mais populares é a “xima”, farinha de milho cozida com água e sal, similar à polenta mole do Brasil, porém branca e menos cremosa; uma massa firme que lembra purê de batata. É usada como acompanhamento de carnes ou com molho ou feijão. Para mim, não tem nenhum sabor. É muito utilizada como o mesmo objetivo que os imigrantes italianos usavam a polenta quando chegaram ao Brasil: matar a fome; por ser pesada, “enche” o estômago, porém, nutricionalmente, é muito pobre. Outro prato tradicional é a “matapa”, folha de mandioca cozida ao molho de amendoim e leite de côco. Há diversas variações do prato, com inclusão de camarão, marisco, caranguejo, tomate ou abóbora. E por fim, meu prato típico preferido, o “caril”, galinha ou carne de gado cozida com molho de amendoim, leite de côco, tomate e temperos. Uma tradição é que no prato moçambicano não pode faltar “piri-piri”(pimenta com azeite) verde ou vermelha.

Transporte público: o transporte utilizado no dia a dia pelos moçambicanos é a “chapa”, minivans, superlotadas, com pessoas sobrepostas umas sobre as outras transportando de tudo: crianças, animais, compras, como sacos de batatas, arroz, feijão. Utilizei apenas uma vez esse transporte para um percurso de 30 minutos e foi o suficiente para nun-

ca mais querer usá-lo. Duas amigas e eu entramos em uma “chapa” que estava vazia. Estávamos bem felizes que iríamos confortavelmente para o nosso destino. No caminho, a “chapa” ia parando para pegar mais passageiros, porém, quando acabaram os espaços sentados e em pé, o motorista continuava parando para que mais passageiros subissem. Eu disse para o motorista: “moço, não cabe mais ninguém não!” E ele respondeu: “chapa não tem limite de passageiros, sempre cabe mais um!” A essa altura, eu já estava deitada sobre minha amiga, com umas cinco pessoas apoiadas sobre mim e com a sacola de uma senhora contendo algum tubérculo batendo na minha cabeça. Fiquei nessa posição o resto do trajeto, uns 20 minutos.

O transporte que eu costumava utilizar, quando o carro da ONG não estava disponível, era a “chopela” (triciclo tuc-tuc), um táxi mais barato. Achava muito divertido, além de prática e rápida, porém bem mais onerosa, variando entre R\$ 6,00 e R\$ 15,00 de acordo com a distância percorrida, enquanto a chapa custa em torno de R\$ 2,00. Em Beira, não há “machibombo” (ônibus) de linha, é usado somente para trajeto intermunicipal. Um fato interessante é, quando há casamentos ou funerais, os familiares e amigos se deslocam até o local do enterro ou da festa de casamento na caçamba de caminhões, todos em pé. Um perigo! Grande risco de acidente! No caso do enterro, uma pessoa se posiciona bem na frente do caminhão e vai segurando uma cruz. No caso do casamento, todos estão vestidos com trajes a rigor.

Idioma: Moçambique tem apenas uma língua oficial, o português, porém possui 43 idiomas locais, sendo 41 indígenas (4). De acordo com o Censo de Moçambique de 2007, as línguas maternas mais frequentes são o emakhuwa (25.3%), o português (10.7%) e o xichangana (10.3%). Somente 50.8% da população do país sabe falar português, sendo que sua maioria reside na área urbana (81.5%). Na área rural, apenas 36.6% da população sabe falar português (5). Em Beira, as línguas mais faladas pelos colegas eram sena, changana, ndau e chona. Memorizei apenas duas palavras *Khanimambo* (obrigado em changana) e *Muzungo* (pessoa branca/estrangeira em suaíli); esta é muito fácil de gravar, pois toda vez em que fui a locais onde não é comum ver pessoas com pele branca, virei o centro das atenções; crianças apontavam para mim e gritavam: “*muzungo, muzungo!*” Logo que se chega em Moçambique, é possível perceber que o português de Moçambique é muito mais parecido com o de Portugal que o português brasileiro e os moçambicanos têm dois hábitos: pronunciar a letra “e” no final de palavras que acabam com consoante, por exemplo, sal = sale, cantar = cantare; não utilizar o gerúndio, por exemplo, estou indo = estou a ir, estou vendo = estou a ver.

Algo curioso no país é o costume de atribuir o nome aos filhos conforme a situação que os pais enfrentaram durante a gestação ou o matrimônio, como Alegria, Tristeza, Castigo, Justiça, Malvinda, Esperança, Felicidade, Azarias, Paciência. Esse costume gera um elevado número de solicitações de mudança de nome quando os indivíduos chegam à fase adulta.

Tecido: as cidades, ruas e casas são marcadas pelo colorido e pelo encanto das capulanas, tecido africano de diferentes cores, texturas e utilidades: vestimentas femininas e masculinas, tanto no dia a dia como em cerimônias tradicionais (casamentos, funerais, festas com traje a rigor), cortinas, almofadas, toalha de mesa, capa de sofá, enfeite feminino para cabeça, lençóis, canga de praia, canguru para bebê (para carregar bebê nas costas), bolsas, carteiras, mochilas, etc.

A capulana tem sua origem há alguns séculos no continente asiático e chega à África pela primeira vez nos Séculos IX e X, por intermédio das trocas comerciais entre árabes e persas e povos que viviam ao longo da costa do Índico. De princípio, a capulana surge como moeda de troca entre os povos e apenas os monarcas a usavam, como símbolo de representação de poder.

A capulana tem importante significado cultural: antigamente era utilizada apenas para esconder e preservar o corpo da mulher e, ao longo do tempo, foi ganhando outras serventias, porém ainda é símbolo da mulher moçambicana, é uma peça de afirmação de identidade.

Capulanas especiais são guardadas com muito carinho: a capulana que carregou o primeiro filho, a capulana do casamento da filha, a capulana que carregou a colheita do ano afortunado...



Vestido de aniversário de capulana

Em algumas localidades do norte de Moçambique, a forma como a mulher amarra a capulana determina o seu estado civil: casada, solteira, divorciada, viúva, noiva, etc (6). As capulanas são vendidas em pedaços em lojas específicas desse produto. As lojas de capulanas têm centenas de texturas expostas nas paredes de diferentes preços. Você escolhe a estampa, compra o pedaço de tecido e leva para o alfaiate confeccionar sua peça de capulana.

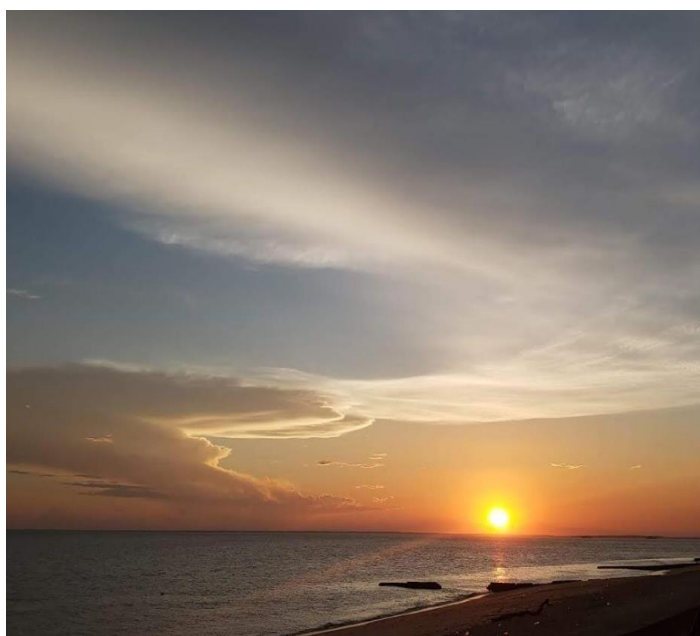


Enfeite de cabeça de capulana

Ao longo do tempo, fui conhecendo os costumes, a realidade de vida daquelas pessoas e a grande quantidade de dificuldades que enfrentam, como o altíssimo nível de corrupção, extrema pobreza, sistema de saúde precário, ausência de saneamento básico, desnutrição, baixo nível de educação, maus-tratos contra animais, etc. Fui me sensibilizando com os problemas do país, me comprometendo cada vez mais em

fazer a minha parte para melhorar aquele cenário, até que, aos poucos, comecei a me sentir pertencente àquele povo. Os problemas e dilemas deles passaram a ser os meus, assim como as alegrias e as dores. Associo esses altos níveis de identificação, envolvimento emocional e sentimento de pertencimento com sinalética de memória de vidas anteriores nesse local, corroborando com Waldo Vieira: “A África está e esteve sempre no sangue dos intermissivistas. A tendência evolutiva é sempre o retorno às origens das autexperimentações” (7).

Minha experiência em Beira finalizou em 25 de abril de 2019 e deixei a cidade querendo ficar, ainda havia e há tanto para fazer! Mas trouxe na bagagem experiências riquíssimas, lições de superação e força, muitos sorrisos e algumas lágrimas, e imagens de paisagens maravilhosas. Beira tem um pôr do sol magnífico! A lua e o sol parecem maiores!



Pôr do sol em Beira / Fonte: arquivo pessoal

Referências Bibliográficas:

- 1) Portal do Governo de Moçambique, site
<http://www.portaldogoverno.gov.mz>
- 2) The World Bank, site <https://www.worldbank.org/pt/country/mozambique>
- 3) União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, site
<https://www.uccla.pt/membro/beira>
- 4) Ethnologue: Languages of the World.
<https://www.ethnologue.com/country/MZ>
- 5) Indicadores Sociodemográficos, Moçambique, Censo 2007.
<http://197.249.4.187/imismoz/censos/censo2007/censohtml/00/brochura/00linguas.html>
- 6) Conexão Lusófona. Capulana: um tecido carregado de história.
<https://www.conexaolusofona.org/capulana-um-tecido-carregado-de-historia/>
- 7) Waldo Vieira. Léxico de Ortopensatas. Volume I, p. 59.

Andréa Cristina Vanni é natural de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Residiu 11 meses em Moçambique. Possui graduação em Farmácia-Bioquímica pela Universidade de Caxias do Sul e mestrado em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estuda Conscienciologia desde 2011 e foi voluntária do IIPC em Caxias do Sul, RS.

TOPONÍMIAS AFRICANAS: RIQUEZAS, MISTÉRIOS E IDENTIDADES

Célio Augusto da Cunha Horta

África: o que sabemos a respeito desse Continente? O que aprendemos nas cadeiras universitárias brasileiras sobre África? Nos cursos de História, de Relações Internacionais, de Ciências Sociais e de Geografia, por exemplo, como se situa, curricularmente, a temática África? No campo das pesquisas, há inovações? Para além das determinações legais do MEC, em relação à África, que conteúdos são abordados nas escolas públicas e particulares do Brasil ¹?

A introdução desses questionamentos visa, tão somente, reestimular reflexões pertinentes aos estudos africanos e, concomitantemente, “justificar,” *a priori*, as limitações desse artigo. Desta forma, essas questões não serão abordadas, entretanto, entende-se a necessidade, ainda, de sinalizar para persistências, dentro e fora das Universidades, de significativos desconhecimentos referentes ao Continente

¹O Conselho Nacional de Educação do MEC (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO), por meio da Resolução N° 1, de 17/07/2004, instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. De acordo com o Censo Escolar – Notas Estatísticas do INEP-MEC de 2017 havia no território brasileiro, em 2016, mais de 186 mil escolas de educação básica (78% públicas, aproximadamente) com, praticamente, 49 milhões estudantes matriculados. Segundo Rosemberg Ferracini (2018:2 e 8) “anteriormente à Lei n° 10.639/03, o tema da África até recebia uma atenção direcionada no ensino de Geografia Brasileira, em particular com interesses eurocêntricos” porém, hoje, “espera-se que a cultura escolar brasileira ao tratar da África e das relações com o Brasil seja diferente daquela do olhar colonizador”.

Africano. As razões são muitas², mas, na direção oposta, talvez se possa selecionar, hoje no Brasil, algumas poucas pesquisas (acadêmicas) de Geografia da África que já trilharam caminhos autônomos e relativamente autênticos. Trata-se, na verdade, de uma longa construção não isenta de embates, dificuldades e erros. Nesse sentido, importa valorizar os trabalhos interessados e interessantes sobre a África caracterizados, inclusive, por uma perspectiva pluralista, diversa e libertária.

Nos termos assim colocados, este artigo deve ser compreendido como uma elaboração preliminar que tem por objetivo, simplesmente, abordar um pequeno conjunto de topônimos africanos. Na primeira parte, vínculos diretos estão estabelecidos entre os nomes e seus respectivos lugares, territórios e regiões do continente africano. Em alguns casos, os topônimos são tratados de maneira contextualizada, mas, em outros, a exposição está mais objetivada. Posteriormente, são apresentadas palavras do tronco linguístico *Bantu*, (principalmente) que denominam córregos, rios, serras, povoados, propriedades rurais, etc. de Minas Gerais. Reservado, ao final, um pequeno conto em língua portuguesa constituído, todavia, de vários vocábulos de origem *bantu*.

²A opressão e a marginalização histórica de povos e nações africanas interferem, em geral, na produção acadêmica? Cabe especular que a recente descolonização formal (iniciada, basicamente, ao término da Segunda Guerra) e a inserção periférica dos mais de cinquenta países africanos nas ordens geopolíticas mundiais ainda estão relacionadas, direta ou indiretamente, com a “colonialidade” do conhecimento e/ou segregação dos estudos destinados à Geografia da África.

NOMES DE LUGARES, REGIÕES, PAÍSES E DE OUTRAS ESPACIALIDADES DA ÁFRICA

Conforme Emanoela Cristina Lima (2012:36) a *Toponímia* – do grego *topos* (lugar) e *onoma* (nome) – é um campo de conhecimento dedicado ao estudo dos nomes próprios de lugares. “O topônimo carrega em si a designação do espaço geográfico e a carga motivacional do ato denominativo, o que faz com que os estudos toponímicos sejam de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo”. Segundo Lima (2012:36-37), esses estudos “possibilitam o reconhecimento de fatos linguísticos, ideologias e crenças do ato denominativo. Assim, investigar os nomes dos locais compreende também analisar a cultura e a relação do homem com o meio em que vive”.

Ademais, Lima (2012:37) acrescenta que o “topônimo também evidencia a realidade do ambiente físico de uma determinada região, uma vez que revela características de vegetação, hidrografia, fauna, condições de solo e relevo”. Maurício Waldman (2014:32) ressalta, entretanto, a imposição de uma toponímia de negação das particularidades, da soberania e da cultura das populações africanas; assim, afirma:

A renominação encetada pelos europeus consubstanciou uma violência simbólica empenhada em apagar a totalidade das formulações espaciais anteriormente existentes, fruto de especulações milenares de uma concertação múltipla e heterogênea reunindo centenas de povos africanos.

O massacre cultural de um determinado povo é efetivado, inclusive, por meio da negação da língua (e dos códigos sociais) que, historicamente, manifesta os valores, comportamentos, hábitos, relações sociais, religiosidade, etc. A substituição, por exemplo, de topônimos autóctones por outros de língua estrangeira implica, muitas vezes, desmanche do significado original de lugares sagrados, de territórios e territorialidades; não pela mera troca de vocábulos, mas, devido à desfiguração de significado, do valor (econômico) atribuído a um rio, uma montanha, um país, uma região³. Nesse sentido, a substituição do topônimo tende a ser acompanhada por uma desterritorialização seguida, necessariamente, de uma “moderna” apropriação e uso do território. Evidentemente que há, também, a manutenção de topônimos originais por estratégias de *marketing* o que, não indica respeito algum às territorialidades anteriores. De qualquer modo, é mais frequente o processo de domínio territorial com a troca de topônimo. Sobre as toponímias africanas, Waldman (2014) tem razão ao problematizar a “influência” europeia, ainda mais por tratar-se de um continente com mais de 30 milhões de km², com mais de 1 bilhão de pessoas, constituído por um pouco mais de 50 países; portanto, convém reafirmar que

Não existe apenas uma África, mas incontáveis, ricas em histórias e tradições. Do norte islamizado até o sul dividido em inúmeras crenças e religiões (...) passando por uma surpreendente diversidade ecológica e geográfica que vai dos desertos escaldantes como o Saara e o Kalahari às maravilhas florestais como Okavango e às extensas savanas em países como o Quênia (TEIXEIRA, 2005:91).

³ O *valor de uso* comunitário ou individual de uma floresta ou de uma riqueza cultural e/ou espiritual de uma “entidade espacial”, por exemplo, assume, adquire por meio do movimento de reprodução e acumulação ampliada do capital um *valor de troca*, transforma-se (via trabalho) em mercadoria.

No escopo das pesquisas geográficas, considera-se necessário prosseguir com a superação dos etnocentrismos, dos estereótipos grosseiros, não obstante as dificuldades de localizar leituras de África a partir da África. Comumente, a África é observada, interpretada e denominada pelo “mundo exterior”.

A começar pela denominação *África* verificam-se, nos dicionários da língua portuguesa, os seguintes significados: *ato de coragem, realização, façanha, proeza*. Em situações menos frequentes, esses mesmos termos aparecem juntamente com outros: *enorme dificuldade, obstáculo, objetivo penoso a ser alcançado, estorvo*. Nesses casos, a acepção de África sinaliza para relativos antagonismos entre a *façanha* e a *dificuldade*, a *proeza* e o *empecilho*, a *intrepidez* e o *obstáculo*, a *ousadia* e o *impedimento*. Contudo, o que explica a designação *África* ao Continente?

Segundo Nei Lopes (2011) as águas do rio Nilo constituíram importante via de comunicação (pelo mar Mediterrâneo) para com várias regiões e povos do mundo antigo.⁴ Assim, do que conheciam da África, os gregos atribuíram os nomes *Olímpia* e *Etiópia*. Para os fenícios, a região denominava-se *Feruch*, *Afar* para os hebreus; já os índios a chamavam de *Bezecath* e os romanos de *Líbia*. (LOPES, 2011:16).

⁴ Lopes (2011) assinala que o continente africano liga-se com a Ásia pelo istmo de Suez (Península do Sinai), separa-se da Europa pelo estreito de Gibraltar e o Vale do Nilo; segundo o autor, não por acaso, o vale do Nilo foi o berço de importantes civilizações africanas. Conforme Delgado de Carvalho (1963:10), o “istmo de Suez, zona de contato de três continentes, constituiu em todos os tempos uma das chaves de comunicações entre povos e suas mercadorias. A sua importância se impunha em função do Mediterrâneo e do Mar Vermelho (...)”. Sobre o Nilo, enfatiza a extensão do leito do rio – 6.324km – e a área da bacia fluvial, equivalente a 2.803.000km²; em relação ao Estreito de Gibraltar (a “chave do Mediterrâneo”) destaca a sua posição estratégica e a “reduzida largueza (...) de 15 quilômetros, entre Europa e África (...)” (CARVALHO, 1963: 15 e 17).

Libya, conforme Antenor Nascentes (1952) era o nome dado inicialmente pelos gregos – de Homero a Heródoto – à região (norte da África), posteriormente, então, substituído por *Aphriké*.

Aphriké é uma versão amplamente difundida. De acordo com Nascentes (1952), ao subtrair o “alfa privativo grego” (correspondente ao *a* da língua portuguesa – como prefixo de negação) tem-se, então, *phriké*: frio, tremura; assim, (*a*) + *phriké* = *aphriké* indica, justamente, o predomínio do clima quente e seco do norte do continente africano. Pode-se, também, pensar em *apricus*: exposto ao sol; da raiz *ric*, *fric*, fogo ou calor, que se encontra no caldaico (idioma dos Caldeus) *harac*, queimar, no hebraico, *baraq*, relâmpago, no grego *phryktos* e no latim *friktus*, assado ao lume (NASCENTES, 1952).

Parece pertinente relacionar essas denominações (como *Aphriké* e *Harac*, por exemplo) com os efeitos do clima mediterrâneo e dos climas árido e semiárido do norte da África e, talvez, com o clima equatorial (mais ao centro) e os climas tropicais das regiões ao sul do Equador. Saliente-se que o Saara se coloca entre a região mediterrânea (ao norte) e as regiões equatorial e tropical do maciço continente. *Saara* é um topônimo procedente da língua árabe e significa, exatamente, “o grande deserto” (WALDMAN, 2014:30). Não por acaso, é o deserto de maior extensão do Planeta, abrange cerca de nove milhões de km² maior, por exemplo, do que o território brasileiro.⁵

⁵ Em relação ao deserto da Namíbia (que, na verdade, corresponde a uma pequena extensão do Kalahari), Lopes (2011) salienta que *Namib*, na língua *Nama*, significa o “lugar onde não há nada”. O termo também faz referência aos povos *Bosquímanos* que, tradicionalmente, vivem no

Segundo Josué de Castro (1966:21), no contexto da predominância do deserto absoluto (pedras nuas, inexistência de vegetação, etc.), há os focos de oásis, pontos de emergência dos lençóis de água subterrânea, que “se escondem nas outras regiões sob o fulvo lençol de areia”. *Oásis*, segundo Castro (1966:21), é uma “palavra de origem egípcia, que Heródoto transportou para o grego” e, assim, o seu significado tornou-se amplamente conhecido.

Todavia, a regionalização *África do Norte* – África Mediterrânea ou Magreb – e *África Subsaariana* – África Negra – é considerada por alguns geógrafos como problemática. Na visão de Rodrigo Corrêa Teixeira (2015:125) o deserto de Saara não dividiu e nem divide a África, assim, o “suposto limite entre África do Norte e a África Subsaariana não separa as populações árabes e negras”.⁶ Sobre a designação África Negra, Waldman (2014:5) assinala que

a consciência da individualidade da África ao sul do Saara frente às terras localizadas ao norte do grande deserto não é de modo algum nova e tampouco seria – conforme equivocado senso comum – apanágio da incultura geográfica europeia. Desde tempos imemoriais os povos da África setentrional, do Levante e do mundo greco-latino fizeram uso de uma coleção de topônimos para identificar espaços e populações postados além do deserto.

deserto da Namíbia entre os baixos cursos dos rios Orange e Kuiseb (Namíbia centro-meridional). Seus principais grupos étnicos são os Ganin e os Huin (LÓPEZ, 2009:289).

⁶ A expressão “África Subsaariana”, segundo Teixeira (2015:125), é um “eufemismo vinculado por um processo de entrelaçamento ao termo visto como degradante ou pejorativo: negro (...)”; além do mais, “implica numa enorme coisificação de populações englobadas por esse rótulo (...)” e ainda, sobre o prefixo “sub”, conforme o autor, “remete aos grupos (...) que, supostamente, estariam numa posição de ‘nível inferior’ (...)”.

Contudo, se a regionalização da África pelo critério “cultural” parece contestável, na perspectiva biogeográfica verifica-se que o Sahel corresponde a uma importante faixa (de transição) entre o Deserto do Saara e as regiões tropicais ao sul; ou seja, trata-se de um cinturão meridional de clima semiárido – precipitações que variam entre 150 a 500mm/ano – que tangencia o Saara ao norte e as regiões úmidas ao sul. Compreende, assim, um corredor contínuo de estepes que se estende (oeste-leste) do Atlântico ao Mar Vermelho⁷ e possui, variavelmente, de 500 a 700 km de “largura” (norte-sul). *Sahel* vem do árabe (*Sahil*), significa borda, orla.

Waldman (2014:29) salienta que “a antiguidade clássica diferenciava o norte da África, a *Lybia* – topônimo inspirado num grupo nativo local – das terras situadas no *hinterland*, a *Lybia Interior*”. O autor destaca ainda que, historicamente, algumas regiões sul-saarianas obtiveram topônimos de abrangência continental, como por exemplo, *Guiné*, *Etiópia* e *Sudão*. O topônimo *Etiópia* (do grego *Aithiops*), segundo Waldman (2014:27), significa literalmente pessoas de rosto queimado, pessoas negras. A denominação *Guiné*, conforme o pesquisador, comparece “nos primeiros relatos das navegações portuguesas no Atlântico” e “etimologicamente, o geônimo provém de *aguinaoui*, termo de raiz berbere significando preto ou negro”. *Sudão* vem do árabe *sudan*, negros (LOPES, 2011:280). Nascentes (1952) ressalta que

⁷ O topônimo *Eritreia* vem do grego *erythos*, vermelho, em alusão à cor do mar Vermelho (LOPES, 2011:119).

após a destruição de Cartago, os romanos seguiram o uso púnico de denominar a região conforme os Berberes: “*awrigas*”.

Contudo, além de “*Lybia Interior*”, Waldman (2014:29) destaca que despontavam outras denominações para identificar determinados territórios do “continente adentro”: *País dos Garamantes* (referindo-se aos habitantes do antigo Fezzan), *Mauritânia* (país do povo Mauri, Mouro ou Maurício), *Numídia* (país dos Númidas, antigo Reino Berbere-Líbio – 202-46 a.C.)⁸ e *Núbia* – região a montante da segunda catarata do Nilo – partilhada, hoje, pelo Egito e pelo Sudão. Formada por povos nilóticos negros, a *Núbia* – uma das mais antigas civilizações da África – tornou-se ao longo de milênios um centro de convergência entre as civilizações egípcias, o mundo mediterrâneo e os povos negros da África (WALDMAN, 2014).

Com referência aos *Garamantes*, vale destacar que, em 2011, o arqueólogo David Mattingly, da Universidade de Leicester (Inglaterra), por meio de imagens de satélites e de fotografias aéreas, localizou, com maior precisão, resquícios de uma civilização, no deserto da Líbia⁹. Conforme Mattingly, entre os mais de 100 sítios, foi descoberta a cidade de Garama, construção milenar (2,4 mil anos) dos *Garamantes*. O pesquisador assinala que havia, em Garama, técnicas de metalurgia, produção de vidro, refinamento de sal e lapidação de

⁸ López (2009:12) assinala que a denominação “africanos brancos” é, correntemente, utilizada para “aqueles que habitam a Berberia e Numíbia: são os povos Masmuda, Sanhadja, Zanata, Ghumara e Haoara”.

⁹As ruínas já eram conhecidas há mais de 40 anos e a equipe da Universidade de Leicester, desde 1997, investiga a região.

pedras semipreciosas. Giuma Anag (2011), arqueólogo líbio, enfatiza a localização da cidade de Garama, fundada e construída em pleno deserto¹⁰. Destaca que a “capital” do Reino exerceu, por mais de 1.000 anos, o controle de um território que possuía aproximadamente 200.000 km².

Os resultados de cinco anos de escavações, da equipe da universidade de Leicester, indicam uma civilização com organização social complexa e de avançada arquitetura. Para Mattingly (2011), os Garamantes formavam uma sociedade hierarquizada, possuíam uma linguagem própria (escrita, inclusive) e o sistema econômico favorecia a produção de excedentes agrícolas e de bens manufaturados.

Segundo Andrew Wilson (2011), arqueólogo da Universidade de Oxford (Inglaterra), em razão do conhecimento arquitetônico e do trabalho dos escravos, os Garamantes construíram cidades planejadas. Dessa forma, nas áreas urbanas, cultivavam árvores frutíferas e trigo, mas, também, produziam vinho e azeite de oliva. Conforme o estudioso, a tecnologia de irrigação (*foggara*) permitiu aos Garamantes um padrão de vida superior ao de qualquer outra sociedade do Saara. Wilson (2011) afirma que no subsolo do Reino dos Garamantes foram construídos 600 túneis (somados ultrapassam mil quilômetros) e erguidos cerca de 100 mil poços (40 metros de profundidade). Saliente-se, nesse caso, a superação das dificuldades impostas pelo Saara para,

¹⁰David Mattingly (2011) afirma não se tratar de uma cidade romana ou grega, apesar da relativa coexistência temporal com o Império Romano. Giuma Anag (2011) define os Garamantes como “bravos mestres dos desertos”, construtores de uma civilização coesa e duradoura.

assim, atender uma população – estimada pelos arqueólogos – entre 50 e 100 mil habitantes.

Os *Tuaregues*, na concepção de Lopes (2011), descendem provavelmente dos *Garamantes*. Estão incorporados ao Saara e, assim, vivem hoje nos desertos da Líbia, Argélia, Mali, Niger e Burkina Faso (LÓPEZ, 2009). Os Tuaregues representam uma das várias etnias berberes.

Chama-se *Berberes*, pela tradição árabe, ao conjunto de populações do Magreb. Todavia, etnias diversas dividem a língua berbere (da família semítica, grupo camítico), inclusive, conforme mencionado, os *Tuaregues*. Segundo Carvalho (1963:28), dispersos na África Setentrional, os berberes habitam as “montanhas de Kalíbia e do Aurés, os oásis do Mzab e da ilha de Djerba, os Tuaregues do Hoggar e do Adrar”. Portanto, da costa norte da África ao Saara, a língua berbere constitui importante elo entre os diversos povos (mais de sete milhões) e “o único meio de classificá-los é localizá-los pela linguagem” (*Ibidem*).¹¹

É provável que a origem da palavra *berbere* seja proveniente do termo *barbarus* que, frequentemente, os romanos atribuíam aos estrangeiros, regra geral, àqueles que não falavam a língua romana.¹² *Berberes*, todavia, pode ser uma denominação dada pelos egípcios aos *Brabras*, etnia que vivia nas proximidades do rio Nilo. *Berberia* (ou

¹¹“Na Kalíbia, que sempre foi um foco de agitação e resistência, o uso da língua berbere, que não cedeu à língua árabe dos invasores, encontrou forte concorrente na língua francesa. A população kaliba masculina é quase toda bilíngüe” (CARVALHO, 1963:29).

¹²Os termos Barbárie, barbarismo ou barbaridade, por exemplo, são utilizados, hodiernamente, para indicar crueldade, atraso, ignorância, grosseria, estado de “incivilização”, etc.

Barbária, ou mesmo *Costa Berberisca*), segundo Waldman (2014), é um termo que os europeus utilizaram (do século XVI até ao século XIX) em referência às regiões costeiras do Marrocos, da Argélia, da Tunísia e da Líbia o que corresponde, assim, a maior parte do atual Magreb. *Magreb* é uma palavra da língua árabe e significa Ocidente ou “onde o sol se põe”, “poente”.

Saliente-se que a expansão das rotas comerciais dos Berberes, segundo Sérgio Vasconcelos e Claudia Lima (2015:181), contribuiu destacadamente para a formação e o desenvolvimento das cidades clássicas iorubás, na região ocidental da África. As cidades ancestrais do povo Iorubá datam, aproximadamente, de 5.500 anos. Por sua vez, a palavra *iorubá* alcançou, em 1826, o “mundo ocidental”. Das terras *haussá* (ocidente da África) e por intermédio do Capitão Clapperton veio transmitida em um manuscrito na língua árabe. Inicialmente, o vocábulo *Iorubá* era utilizado para definir os povos do reino de *Oyó* (VASCONCELOS & LIMA, 2015: 188).

Atualmente, há grandes grupos que falam iorubá na Nigéria (no antigo território de *Oduduwa*) e nas regiões centrais do Togo e de Benin. Vale ressaltar ainda que, os princípios e valores do *iorubá* se manifestam por meio da linguagem religiosa e, comumente, se estabelece uma relação dialética – tensa e constante – entre o *aiyé* (mundo físico dos seres humanos) e o *orun* (mundo sobrenatural dos espíritos, das divindades). A comunicação entre esses dois mundos está baseada

na dinâmica da força, da energia, caracterizada pelo (conceito de) *axé*, que “exprime a ideia de forças circulantes, capazes de engendrar a criação e a expansão da vida” (VASCONCELOS & LIMA, 2015:186). Portanto, ainda no âmbito religioso, o cerimonial *iorubá* realiza a “deificação do rei Xangô” (conectado ao trovão). Assim, “o mito funda o rito, institucionaliza a celebração do deus-rei” (BRUNEL, 2005:680) e reverenciado, o Deus Trovão é, por seus adeptos, invocado. O possuído, então, se torna um avatar terrestre. Importa destacar também que, por meio da diáspora negra, essa prática propagou-se para além da África (Nigéria e no sul do Benin) e o culto *Vodu*, com as suas variações e sincretismos, obtém hodiernamente adeptos, por exemplo, no Brasil, em Cuba e no Haiti.

Conforme Renel Prospere e Alfredo Gentili (2013:74), “o termo *Vodu* originou-se na tradição religiosa teísta-animalista” com raízes nos povos *Fon-Ewe*, em Benin, principalmente. Para os *Fon*, “no Daomé e no Togo, o *Vodu* significa um Deus, um espírito e sua imagem” (*Ibidem*)¹³. Prospere e Gentili (2013) salientam que o *Vodu* no Haiti representa, inclusive, um culto de recomposição com a África (e antepassados), um reencontro de religiosos haitianos com a mãe África. É sinônimo, também, de resistência aos (neo)colonizadores, constitui um “sistema de cuidados de saúde” (práticas de cura, prevenção de doenças, tratamentos mentais, etc.) e se concretiza, ainda, nas formas

¹³ Os *Fon* constituem um grupo etno-linguístico (superior a três milhões de pessoas) da África Ocidental, situados na Nigéria, em Togo, em Gana, mas, com o centro geo-histórico em Benin. O antigo Reino *Fon* “teve seu apogeu durante os séculos XVIII ao XIX” com enriquecimento decorrente, inclusive, da venda de “inimigos derrotados aos comerciantes de escravos” (TEIXEIRA, 2015:167).

de trabalho comunitário.¹⁴ Enfim, o “Vodu é um sistema integrado de princípios que rege a conduta humana (...) é um complexo místico de visão do mundo no qual seres humanos, natureza e todo o sistema intangível de crenças estão intimamente ligados” (PROSPERE e GENTILI, 2013:76).

Rodrigo Corrêa Teixeira (2015:94) assinala que o “candomblé praticado no Brasil é diferente dos cultos aos orixás que acontecem na Nigéria”, portanto, é fruto de recriações culturais. Teixeira (2015:93) ressalta também, o grande fluxo de escravos africanos – “dezenas de grupos étnicos” – que aportaram no Brasil até 1850 e, por conseguinte, a ocorrência de grande concentração na Bahia. Desta forma, segundo o autor, identidades específicas foram reconstruídas, os “falantes de iorubá viraram nagôs, os do grupo *gbe* (*fon, mahi, e ewe*, por exemplo) viraram *jejes*”. (*Ibidem*).

África e Brasil, África e Haiti, África e o “mundo mundializado”. Uma mundialização que se desenvolve, predominantemente, por meio dos capitais monopolistas que, necessariamente, segregam, desagregam e distorcem *Uganda*; segundo Nei Lopes (2011), *Uganda* é um termo proveniente do antigo Buzanga; significa *Terra dos homens, dos seres humanos* (etnônimo do grupo dominante da região). Entretanto,

¹⁴ O *Kombit*, por exemplo, é uma forma de trabalho coletivista praticada, então, por determinados camponeses haitianos. Em geral, implica partilha da produção, refeições comunitárias, danças, música, recreação, permutas (sem circulação de moeda) e a autossuficiência. Pode ter por finalidade o auxílio a uma família, a ajuda a um ente adoentado, etc.

com referência nas recentes revisões toponímicas africanas, Waldman (2014:37) afirma que:

a memória espacial tradicional africana substantivou plataforma basilar no resgate da territorialidade. (...) Mais correto seria consignar a adoção de estratégias inspiradas em múltiplas vertentes, materializadas tanto na ressurreição dos locativos ancestrais quanto por iniciativas que contextualizavam novos regimes de nomenclatura, esboçados por uma África que olhando para o futuro, assume a tradição como alento que fortalece continuamente seu desejo de posicionar-se positivamente diante do mundo.

Waldman (2014:37) considera que essa determinação se expressa, por exemplo, nos novos nomes oficiais de países como *Malawi* (anteriormente Niassalândia), *Botswana* (ex-Bechuanalândia), *Zimbabwe* (ex-Rodésia), *Gana* (antes Costa do Ouro) e *Burkina Faso* que até 1984 tinha o nome de Alto Volta; Burkina Fasso que denota “terra dos homens justos, honestos”. Em relação às cidades africanas, o autor assinala que estão “libertas das suas alcunhas ocidentais” e, hoje, exibem “designativos orgulhosamente africanos: *Tshwane* (ex-Pretória), *Harare* (ex-Salisbury), *Maputo* (ex-Lourenço Marques) *Kinshasa* (ex-Leopoldville) e *D’jamena* (ex-Fort Lamy)” (*Ibidem*).

Por fim, torna-se razoável especular que essas e outras recentes revisões toponímicas de países, cidades, bairros, ruas, rios, montanhas, lagos, aeroportos, barragens, escolas, hospitais, pontes, portanto, do espaço geográfico da África como um todo (nada homogêneo) pode ser um prelúdio de reações geopolíticas mais radicais, autóctones, de reconquista real e formal de territórios. Ressalte-se que valiosas características culturais e que determinados vocábulos de origem *Bantu*

e *Kwa*, por exemplo, alcançaram outros continentes, países, territórios. No Brasil, a língua portuguesa está enriquecida com palavras originárias de inúmeras etnias indígenas¹⁵ e africanas; assim, interessantes vocábulos tornaram-se nomes de córregos, viadutos, bares, cidades, povoados, serras e denominam várias espacialidades brasileiras. Em Minas Gerais, os topônimos de origem africana demarcam todas as regiões.

TOPÔNIMOS AFRICANOS DE MINAS GERAIS

Características sólidas e diversas da “cultura mineira” decorrem da presença do negro africano em Minas Gerais.¹⁶ Em consequência, os remanescentes culturais de povos e nações da África estão expressos no léxico toponímico de Minas Gerais (LIMA, 2012:42).

Vale lembrar que, no século XVII, vieram forçosamente para o Brasil, “negros de partes diversas da África, em especial da zona banta. Esses negros eram denominados: congos, angolas, cabindas, banguelas, mandigas e minas” (LIMA, 2012:46). A maior proporção desses seres humanos foi enviada para a Zona da Mata Nordestina. O trabalho escravo, não obstante, gerou o enriquecimento dos proprie-

¹⁵Atualmente, no Brasil, são faladas 170 línguas indígenas. Portanto, a grande maioria dos povos indígenas brasileiros são bilíngues, se comunicam em português e usam a língua materna.

¹⁶ Emanoela Cristina Lima (2012:42) salienta que “mesmo após a extinção do tráfico negreiro e da abolição do regime de escravidão no país, os negros e mestiços de negros representavam 53,32% da população mineira”.

tários de engenhos da cana-de-açúcar. Constituiu-se, assim, um longo período de acumulação de horrores e de capitais resultantes da produção colonialista do “ouro branco”. Todavia, nesse mesmo século, com a exploração original do ouro e diamantes de Minas Gerais, vários desses seres humanos foram, sem escolha, deslocados para o trabalho escravo nas regiões de extração mineral. No século XVII, outro contingente de negros (sudaneses) foi arrancado do solo africano, assim, “jejes, minas, ardras, savalus, nagôs, moçambiques e quelimares são somados aos negros Congo-Angola” (*Ibidem*).

Do ponto de vista das línguas, conforme Emanoela Lima (2012:61), o “grupo banto é proveniente do tronco linguístico congocordofaniano, que é formado pelas línguas subsaarianas, da qual faz parte a família Niger-Congo”. A autora acrescenta que essa família “é composta por seis ramos, do qual faz parte o ramo Benue-Congo, que, por sua vez é formado pelas línguas platô e pelas línguas do grupo bantuídeo, constituído pelo banto e mais duas línguas (bitare e mambila)”.

Saliente-se que a pesquisa de Lima (2012:168) referente aos toponimos africanos de Minas Gerais registrou “222 variações toponímicas com bases de possível origem africana”; desse total, 98 topônimos formados genuinamente por palavras originárias do banto, dois topônimos de origem kwa, três de origem partilhada (banto/kwa) e treze palavras de origem incerta, além dos hibridismos (com a língua

portuguesa). De acordo com Lima (2012:61), o “grupo kwa também é um dos ramos que formam a família Niger-Congo, do tronco Congo-Cordofaniano. Fazem parte do ramo kwa as línguas iorubá, ijô, ibô, fon, ewe, gun e mahi”.

Sobre os dois topônimos de origem Kwa, *Angu* é um que denomina 14 espacialidades de Minas Gerais como, por exemplo, um córrego do município de Chapada do Norte (região do Jequitinhonha) e um rio de Além Paraíba, na Zona da Mata mineira. O outro, *Exu* é o nome de um rio do município de Águas Vermelhas, no norte de Minas. Sobre a origem da palavra exu,

Renato Mendonça e Heckler, *et al.* informam que *exu* é do iorubá. Apenas Nelson de Senna oferece étimo quimbundo para o termo. O topônimo *Angu* também é reputado como kwa. Segundo Castro (2001), o termo pertence à língua fon, *àngu*, que faz parte do ramo kwa. Senna (1938) afirma que o termo faz parte do quimbundo, sendo provavelmente do banto. Jacques Raymundo diz que o termo é do ambundo, *ouangu*. As demais fontes nada informam sobre o étimo do termo, apenas corroboram sua provável origem africana (LIMA, 2012:171).

Angola, do banto, nomeia 32 espacialidades de Minas Gerais, como um córrego de Espera Feliz (Zona da Mata) e outros córregos de vários municípios do Sul de Minas (Andradas, Passos, São Sebastião do Paraíso, etc.). Também denomina povoados de Aimorés (Vale do Rio Doce) e uma propriedade rural de Três Corações (Sul de Minas). *Bamba* que significa mestre, autoridade em determinado assunto ou atividade, ou pessoa desordeira, temível ou, ainda, bastão, chicote, vara; denomina uma fazenda em Baependi, no Sul de Minas Gerais. *Banguela* –

antigo reino de Angola; cidade atual em Angola; pessoa desdentada – nomeia, por exemplo, uma lagoa de Morro da Garça, município central de Minas Gerais. Uma localidade do município de Água Boa (Rio Doce) chama-se *Berimbau*.

Um córrego de Monte Alegre de Minas, na região de Alto Paranaíba/Triângulo tem o nome de *Caçamba*. Caçamba pode ser “traduzida”, no caso, como um balde amarrado por uma corda para capturar água de poço artesiano, mas, também é sinônimo de um grande receptáculo de terra, entulho, etc. *Cafundó*, por exemplo, denomina 42 espacialidades mineiras, como um povoado de Queluzita, uma fazenda do município de Diamantina e uma serra de Passo Fundo (sul de Minas Gerais). Uma propriedade rural de Arcos chama-se *Cafunga* e outra *Candongá*; mas além de Arcos, *Candongá* nomeia mais 21 lugares, como um morro de Itapeçerica (centro-oeste de Minas). Candonga significa trapaça, farsa, fingimento; feitiçaria, quebranto; namorada, benzinho, pessoa querida. No noroeste de Minas, em Unaí, há um ribeirão chamado *Cangalha*.

Canjica, vocábulo muito popular, denomina 11 espacialidades de Minas Gerais, a exemplo, de uma localidade de Nazareno (Campo das Vertentes) e um córrego de Corinto. *Capangas*, outro termo de conhecimento comum, é o nome de uma propriedade rural de Campestre (sul de Minas Gerais). *Caxambu* – tambor grande, atabaque; dança afro-brasileira – além do município nomeia, respectivamente, a cidade de Caxambu (sul de Minas), um córrego de Passa Quatro, um morro do muni-

cípio de Pimenta, uma serra de Arantina e mais outras 37 espacialidades mineiras. *Conga* é um córrego de Nova Serrana.

Dondó é nome de serra de Alpinópolis e *Farofa* – vocábulo africano de origem incerta – está presente em sete espacialidades de Minas Gerais, como uma serra de Jaboticatubas (Região Metropolitana de Belo Horizonte). *Fubá* nomeia um rio de Miraí e outras sete espacialidades mineiras. *Fundanga* denomina uma propriedade rural de Aimorés. *Macaco* e *Macacos* designam, somados, 130 espacialidades. Em Minas Gerais, *Marimondo* constitui referência nominal de 81 lugares, como localidades de Frutal, de Araguari e de Uberlândia. *Mocambo*, de acordo com Lima (2012), é o nome de 66 espacialidades mineiras e *Monjolo* também é uma denominação muito recorrente (77 topônimos) de povoados, rios, córregos (como um de Abaeté), etc. Uma localidade do município de São Miguel do Anta chama-se *Muqueca* e outra, de Ubá, *Muxiba*.

Quilombo, vocábulo que guarda um enfático atributo geopolítico, está estabelecido em 114 espacialidades, portanto denomina muitos córregos, lagoas, povoados, serras, etc. do território mineiro. Há, também, o ribeirão *Zumbi* em Perequi, município da Zona da Mata Mineira.

Esses topônimos, selecionados da pesquisa de Lima (2012), representam uma pequena amostra de termos de origem africana dos rios, povoados, serras, propriedades rurais que, na verdade, abrangem

significativamente o território mineiro. Há ainda, como mencionado, os hibridismos – a exemplo de *canjiquinha*, banto mais português (com o sufixo diminutivo) – que acrescentam novos valores aos lugares de Minas Gerais. Esses topônimos africanos ou híbridos preservam não apenas os vocábulos em si, pois essas denominações espaciais, muitas vezes, revelam escolhas culturais, guardam sentimentos ancestrais, registram conceitos de vida, manifestam também subjetividades e mistérios.

Para terminar, uma pequena história fictícia, em língua portuguesa (do Brasil), composta, todavia, de vocábulos africanos; talvez, um conto interessante para crianças. Nesse miniconto, quase todas as palavras são de origem *Bantu* e foram extraídas do trabalho de Emanoela Cristina Lima (2012). Em menor quantidade, há outros vocábulos provenientes do *Bantu*, dois termos africanos de origem incerta e uma palavra do *Kwa*. Há também a contribuição de Yeda Pessoa de Castro (2011:132) que, pertinentemente, assinala que algumas dessas palavras correspondem a “lexemas portugueses”, ou seja, termos “importados pelas línguas africanas quando já faladas no Brasil” e que, cotidianamente, são utilizados na Bahia. Todos esses vocábulos aparecem sublinhados no texto. Para auxiliar a leitura, há um glossário das palavras (supostamente) menos conhecidas, mas que disponibiliza os significados apenas parcialmente, ou seja, os sinônimos estão referenciados somente conforme o contexto dessa pequena história.

CAFUNGA E O MARIMBONDO

No *canfudó* de Minas Gerais, no Mocambo de Mandembo, vivia Cafunga, o moleque caçula da família Dondó Pereira. Num *menemeném* comum de segunda-feira, Wanda, sua avó, lia um bom livro na varanda do *inzo*. Por causa da bagunça do *imbuá* com os *gonguês* (galinhas-d`angola), Wanda levantou do *cazumba* e, gentilmente, pediu ao Cafunga que fosse até a quitanda do senhor Dunga para comprar *mongo*, *quiabo*, *macundê* e *fubá*. Cafunga, sem *catimba*, desceu da gangorra, *quatá* uma *bocapiu* e partiu...

Na *quintada*, sem *lengalenga*, Cafunga comprou tudo que sua *caíáia* lhe recomendara. Na volta, já perto de *inzo*, o *moleque caculé* parou para *taramecó* um *macaco* na *mulungu*. *Zanza*, não viu um enxame de *marimbondos*. Por sorte, apenas um deles o ferrou, mas... esse único *marimbondo* o acertou bem no seu *mataco*! *Cafunga* correu para o meio do mato, *moçongo* começou a gritar e a pular... parecia até realizar uma *conga* ou uma *cumbé*.

Cumba, examinou o seu *mataco* (*bunda*) e localizou um *bitelo* de uma *catamba*! *Cafunga*, então, olhou para o *luílo*, gritou socorro para o *Calunga* e para *Vunje*... e, em seguida, colocou o *mataco* na *cafota*. Ficou meio *capenga* e com *jinje*... depois *denga*... Mas, como não era *palanga*, recolheu o *cacué* do *intato*, saiu do *atim* e decidiu, assim, *quendá unjira*, pois a *muana caxingó* sabia que a sua vovó prepararia,

naquele dia, uma *muqueca* de surubim com *bobó* e que se ele, tudo cuniá, no fim ganharia, para “compensar”, *quindim*.

ALGUNS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA (BANTU:B; KWA:K):

Atim (B): mato, vegetação.

Bocapiu (K): cesto de palha trançado e com alças que serve para carregar mantimentos.

Cacuá (B): bocapiu.

Caculé (B): caçula.

Caiáia (B): avó.

Calunga (B): divindade ou entidade espiritual ou sobrenatural, cultuada entre populações de origem banta, que se manifesta como força da Natureza (especialmente a divindade associada ao mar).

Catamba (B): inchaço, protuberância na pele, tumor, calombo.

Cafota (B): filete de água entre rochas.

Cafunga (B): triste, zangado; no conto, apelido do menino.

Cafundó (B): lugar de difícil acesso, distante; vale profundo cercado por montanhas íngremes.

Caxingó (B): muito magro, esquelético.

Cazumba (B): assento parecido com cadeira.

Conga (B): dança popular latino-americana, de origem africana.

Cumba (B): de maneira decidida, valente, poderoso, forte.

Cumbé: dança africana; vocábulo de origem incerta.

Cuniá (B): comer, alimentar.

Denga (B): fazer manha; dengoso;

Dondó (B): povo banto do noroeste de Angola.

Dunga (B): especialista, mestre, arrojado, corajoso; no conto, nome do quitandeiro.

Intato (B): chão, solo, terra.

Imbuá (B): cachorro.

Inzo (B): casa, moradia.

Jinje (B): arrepio de corpo.

Luílo (B): céu.

Macundê (B): espécie de feijão.

Madembo: lugar de mato cerrado; vocábulo de origem incerta.

Menemeném (B): manhã, dia, de dia.

Mocambo (B): refúgio, esconderijo.

Moçongo (B); dor, sofrimento.

Muana (B): criança.

Mulungu (B): árvore.

Quatá (B): pegar.

Quendá (B): andar, seguir, partir, viajar.

Quindim (B): graça, meiguice, denguice. Doce feito de gema de ovo, coco e açúcar, de consistência gelatinosa.

Palanga (B): covarde, fraco.

Taramecó (B): olhar, observar.

Unjira (B): estrada, caminho, rua.

Vunje (B): divindade protetora das crianças; pode ter relação sincrética com Cosme e Damião.

Zanza (B): distraído.

REFERÊNCIAS

- BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de Mitos Literários*. 4º ed. Rio de Janeiro: José Olimpio, 2005.
- CARVALHO, Delgado. *África*. Geografia Social, Econômica e Política. Rio de Janeiro: IBGE, 1963.
- CASTRO, Josué. *Ensaio de Geografia Humana*. 4º ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- CASTRO, Yeda Pessoa. *Falares Africanos na Bahia* (Um Vocábulo Afro-brasileiro). Rio de Janeiro: Topbooks editora, 2001.
- CORREIO BRASILIENSE. Arqueólogos encontram, sob as Areias da Líbia, Cidade de 2,4 mil anos. Disponível em <https://www.correiobrasiliense.com.br/> postado em 10/11/2011. Acesso em: 17/08/2018.
- FERRACINI, Rosemberg Lopes. A Velha Roupas Colorida: Brasil e África na Geografia Escolar. In: *Revista Geografia, Ensino & Pesquisa*. V22. Santa Maria/RS: UFSM, 2018; pp. 01-09.
- HOUAISS, A. & VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LIMA, Emanuela Cristina. *A Toponímia Africana em Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- LOPES, Nei. *Dicionário da Antiguidade Africana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LÓPEZ, J. L. C. *Diccionario Histórico-Etnográfico de los Pueblos de África*. Madri: Mundo Negro, 2009.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Nomes Próprios). Tomo II, vol. 2. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.
- PROSPERE, R. & GENTIL, A. O Vodou no Universo Simbólico Haitiano. In: *Universitas Relações Internacionais*. V1, n º1. Brasília: 2013; pp. 73-81 Disponível em <https://docplayer.com.br/55986008-Issn-universitas-relacoesinternacionais.html>. Acesso em: 02/10/2018.
- TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Geopolíticas da África: identidades, saberes e poderes*. Tese (Doutorado em Geografia). Belo Horizonte: UFMG, 2015.

VASCONCELOS, S. & LIMA, C. A Cultura Iorubá e a sua Influência na Construção das Religiões de Matriz Africana no Brasil. *Estudos de Religião*, v. 29, n. 2 • jul.-dez. 2015 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078; pp. 179-193.

Disponível em

<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/ER/article/download/6100/5084>. Acesso em 20/09/2018.

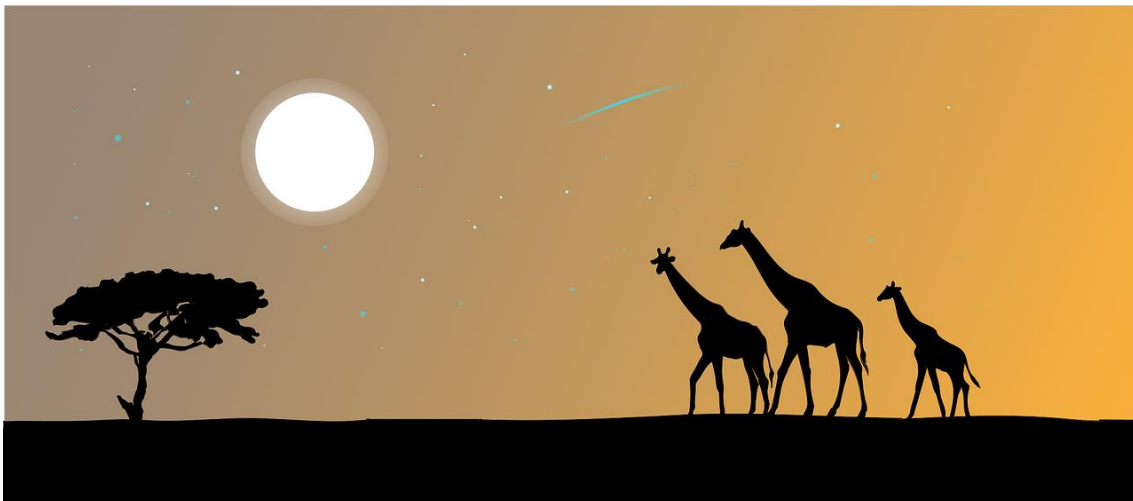
WALDMAN, Maurício. Cartografia de África: Toponímia, Africanidade e Imaginário. *Revista Equador*. Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí.V3, Nº1. Teresina: UFPI, 2014; pp.25-41. Disponível em

<https://www.bing.com/search?q=revista+equador&form=EDGEAR&qs=HS&cvid=bdad70ab051140c3b4e66cf9ff66b3e0&cc=BR&setlang=pt-BR#> Acesso em 10/10/2018

Célio Augusto da Cunha Horta é geógrafo e professor adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Biblioteca da Universidade de Pretória, África do Sul



Viajar: lição universalista

Waldo Vieira



BiblioAfrica
CONSCIENTIOLOGY BOOKS IN AFRICA

biblioafrica@gmail.com

www.biblioafrica.org



www.epigrafeeditorial.com.br

www.shopcons.com.br

Tel.: (45) 3525-0867